

## INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 6 QUESTÕES:

## O ARRASTÃO

Estarrecedor, nefando, inominável, infame. Gasto logo os adjetivos porque eles fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem. Uma trabalhadora brasileira, descendente de escravos, como tantos, que cuida de quatro filhos e quatro sobrinhos, que parte para o trabalho às quatro e meia das manhãs de todas as semanas, que administra com o marido um ganho de mil e seiscentos reais, que paga pontualmente seus carnês, como milhões de trabalhadores brasileiros, é baleada em circunstâncias não esclarecidas no Morro da Congonha e, levada como carga no porta-malas de um carro policial a pretexto de ser atendida, é arrastada à morte, a céu aberto, pelo asfalto do Rio.

Não vou me deter nas versões apresentadas pelos advogados dos policiais.<sup>1</sup>Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos. Mas, antes das versões, o fato é que esse porta-malas, ao se abrir fora do *script*, escancarou um real que está acostumado a existir na sombra.

O marido de Cláudia Silva Ferreira disse que, se o porta-malas não se abrisse como abriu (por obra do acaso, dos deuses, do diabo), esse seria apenas “mais um caso”.<sup>2</sup>Ele está dizendo: seria uma morte anônima,<sup>3</sup>aplainada pela surdez da<sup>4</sup>praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras.

<sup>5</sup>É uma imagem verdadeiramente surreal, não porque esteja fora da realidade, mas porque destampa, por um “acaso objetivo” (a expressão era usada pelos<sup>6</sup>surrealistas), uma cena<sup>7</sup>recalcada da consciência nacional, com tudo o que tem de violência naturalizada e corriqueira, tratamento degradante dado aos pobres, estupidez elevada

ao cúmulo, ignorância bruta transformada em trapalhada<sup>8</sup>transcendental, além de um índice grotesco de métodos de camuflagem e desaparecimento de pessoas.<sup>9</sup>Pois assim como<sup>10</sup>Amarildo é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Cláudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo.

O acaso da queda de Cláudia dá a ver algo do que não pudemos ver no caso do desaparecimento de Amarildo. A sua passagem meteórica pela tela é um desfile do carnaval de horror que escondemos.<sup>11</sup>Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.

José Miguel Wisnik  
Adaptado de oglobo.globo.com, 22/03/2014.

<sup>3</sup> aplainada – nivelada

<sup>4</sup> praxe – prática, hábito

<sup>6</sup> surrealistas – participantes de movimento artístico do século 20 que enfatiza o papel do inconsciente

<sup>7</sup> recalcada – fortemente reprimida

<sup>8</sup> transcendental – que supera todos os limites

<sup>10</sup> Amarildo – pedreiro desaparecido na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, em 2013, depois de ser detido por policiais

**01 | Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos. (ref. 1)**

Esta frase contém um ponto de vista que se baseia na pressuposição da existência de:

- A** testemunhas omissas do caso
- B** falhas importantes nos processos
- C** segmentos excluídos da população
- D** imparcialidades frequentes nos julgamentos

**02 | É uma imagem verdadeiramente surreal, (ref. 5)**

Na argumentação desenvolvida pelo autor, a imagem do porta-malas do carro da polícia expressa sentidos ambivalentes em relação à violência.

Esses sentidos podem ser definidos como:

- A** achar – perder
- B** socorrer – redimir
- C** esconder – revelar
- D** orientar – desorientar

**03 | Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil. (ref. 11)**

A sequência do emprego dos artigos em “de um Brasil” e “do Brasil” representa uma relação de sentido entre as duas expressões, intimamente ligada a uma preocupação social por parte do autor do texto.

Essa relação de sentido pode ser definida como:

- A** ironia
- B** conclusão
- C** causalidade
- D** generalização

**04 | No início do texto, ao expressar sua indignação em relação ao tema abordado, o autor apresenta uma reflexão sobre o emprego de adjetivos.**

Essa reflexão está associada à seguinte ideia:

- A** o fato exige análise criteriosa
- B** o contexto constrói ambiguidade
- C** a linguagem se mostra insuficiente
- D** a violência pede descrição cuidadosa

**05 | Ele está dizendo: seria uma morte anônima, aplainada pela surdez da praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras. (ref. 2)**

Logo após citar a declaração do marido de Cláudia, o autor a explica.

Em relação a essa declaração, a explicação do autor produz o efeito de:

- A** enfatizar seu conteúdo
- B** corrigir sua construção
- C** enumerar seus detalhes
- D** contrapor-se a sua simplicidade

**06 | Pois assim como Amarildo é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Cláudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo. (ref. 9)**

Neste trecho, para aproximar dois casos recentemente noticiados na imprensa, o autor emprega um recurso de linguagem denominado:

- A** antítese
- B** negação
- C** metonímia
- D** personificação

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

**Medo e vergonha**

<sup>3</sup>O medo é um evento poderoso que toma o nosso corpo, nos põe em xeque, paralisa alguns e atíça a criatividade de outros. Uma pessoa em estado de pavor é dona de uma energia extra capaz de feitos incríveis.

Um amigo nosso, quando era adolescente, aproveitou a viagem dos pais da namorada para ficar na casa dela. Os pais voltaram mais cedo e, pego em flagrante, nosso Romeu teve a brilhante ideia de pular, pelado, do segundo andar. Está vivo. Tem hoje essa incrível história pra contar, mas deve se lembrar muito bem da vergonha.

<sup>4</sup>Me lembrei dessa história por conta de outra completamente diferente, mas na qual também vi meu medo me deixar em maus lençóis.

Estava caminhando pelo bairro quando resolvi explorar umas ruas mais desertas. <sup>5</sup>De repente, vejo um menino encostado num muro. Parecia um menino de rua, tinha seus 15, 16 anos e, quando me viu, fixou o olhar e apertou o passo na minha direção. Não pestanejei. Saí correndo. Correndo mesmo, na mais alta *performance* de minhas pernas.

No meio da corrida, comecei a pensar se ele iria mesmo me assaltar. Uma onda de vergonha foi me invadindo. O rapaz estava me vendo correr. E se eu tivesse me enganado? E se ele não fosse fazer nada? Mesmo que fosse. Ter sido flagrada no meu medo e preconceito daquela forma já me deixava numa desvantagem fulminante.

Não sou uma pessoa medrosa por excelência, mas, naquele dia, o olhar, o gesto, alguma coisa no rapaz acionou imediatamente o motor de minhas pernas e, quando me dei conta, já estava em disparada.



Fui chegando ofegante a uma esquina, os motoristas de um ponto de táxi me perguntaram o que tinha acontecido e eu, um tanto constrangida, disse que tinha ficado com medo. Me contaram que ele vivia por ali, tomando conta dos carros. Fervi de vergonha.

O menino passou do outro lado da rua e, percebendo que eu olhava, imitou minha corridinha, fazendo um gesto de desprezo. Tive vontade de sentar na <sup>1</sup>guia e chorar. Ele só tinha me olhado, e o resto tinha sido produto legítimo do meu preconceito.

Fui atrás dele. Não consegui carregar tamanha <sup>2</sup>bigorna pra casa. “Ei!” Ele demorou a virar. Se eu pensava que ele assaltava, <sup>6</sup>ele também não podia imaginar que eu pedisse desculpas. Insisti: “Desculpa!” Ele virou. <sup>7</sup>Seu olhar agora não era mais de ladrão, e sim de professor. Me perdoou com um sinal de positivo ainda cheio de desprezo. Fui pra casa pelada, igual ao Romeu suicida.

Denise Fraga

folha.uol.com.br, 08/01/2013

<sup>1</sup> guia – meio-fio da calçada

<sup>2</sup> bigorna – bloco de ferro para confecção de instrumentos

**07** | No primeiro parágrafo, apresentam-se algumas características do medo, quase todas positivas, mas se omite uma de suas características negativas, tematizada no decorrer do texto.

Esta característica negativa do medo é a de:

- A** basear-se em fatos
- B** ter vergonha do sentimento
- C** reforçar um constrangimento
- D** ser motivado por preconceito

**08** | Seu olhar agora não era mais de ladrão, e sim de professor. (ref. 7)

A frase deixa subentendida a ideia de que o menino foi capaz de ensinar, pelo exemplo, algo à autora.

Esse ensinamento dado pelo menino está ligado à capacidade de:

- A** perdoar
- B** desprezar
- C** desculpar-se
- D** arrepender-se

**09** | A crônica é um gênero textual que frequentemente usa uma linguagem mais informal e próxima da oralidade, pouco preocupada com a rigidez da chamada norma culta.

Um exemplo claro dessa linguagem informal, presente no texto, está em:

- A** O medo é um evento poderoso que toma o nosso corpo, (ref. 3)
- B** Me lembrei dessa história por conta de outra completamente diferente, (ref. 4)
- C** De repente, vejo um menino encostado num muro. (ref. 5)
- D** ele também não podia imaginar que eu pedisse desculpas. (ref. 6)

**10** | Na última frase da crônica, a autora correlaciona dois episódios. Em ambos, aparece o atributo “pela-do(a)”. No entanto, esse atributo tem significado diferente em cada um dos episódios.

No texto, o significado de cada termo se caracteriza por ser, respectivamente:

- A** literal e figurado
- B** geral e particular
- C** descritivo e irônico
- D** ambíguo e polissêmico

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

### É MENINA

É menina, que coisa mais fofa, parece com o pai, parece com a mãe, parece um joelho, upa, upa, não chora, isso é choro de fome, isso é choro de sono, isso é choro de chata, choro de menina, igualzinha à mãe, achou, sumiu, achou, não faz pirraça, coitada, tem que deixar chorar, vocês fazem tudo o que ela quer, <sup>2</sup>isso vai crescer mimada, eu queria essa vida pra mim, dormir e mamar, aproveita enquanto ela ainda não engatinha, <sup>3</sup>isso daí quando começa a andar é um inferno, daqui a pouco começa a falar, daí não para mais, ela precisa é de um irmão, foi só falar, olha só quem vai ganhar um irmãozinho, tomara que seja menino pra formar um casal, ela tá até mais quieta depois que ele nasceu, parece que ela cuida dele, esses dois vão ser inseparáveis, ela deve morrer de ciúmes, ele já nasceu falante, menino é outra coisa, desde que ele nasceu parece que ela cresceu, já tá uma menina, quando é que vai



pra creche, ela não larga dessa boneca por nada, já podia ser mãe, já sabe escrever o nomezinho, quantos dedos têm aqui, qual é a sua princesa da Disney preferida, quem você prefere, o papai ou a mamãe, quem é o seu namoradinho, quem é o seu príncipe da Disney preferido, já se maquia nessa idade, é apaixonada pelo pai, cadê o Ken, daqui a pouco vira mocinha, eu te peguei no colo, só falta ficar mais alta que eu, finalmente largou a boneca, já tava na hora, agora deve tá pensando besteira, soube que virou mocinha, ganhou corpo, tenho uma dieta boa pra você, a dieta do ovo, a dieta do tipo sanguíneo, a dieta da água gelada, essa barriga só resolve com cinta, que corpão, essa menina é um perigo, <sup>1</sup>vai ter que voltar antes de meia-noite, o seu irmão é diferente, menino é outra coisa, vai pela sombra, não sorri pro porteiro, não sorri pro pedreiro, quem é esse menino, se o seu pai descobrir, ele te mata, esse menino é filho de quem, cuidado que homem não presta, não pode dar confiança, não vai pra casa dele, homem gosta é de mulher difícil, tem que se dar valor, homem é tudo igual, segura esse homem, não fuxica, não mexe nas coisas dele, tem coisa que é melhor a gente não saber, não pergunta demais que ele te abandona, o que os olhos não veem o coração não sente, quando é que vão casar, ele tá te enrolando, morar junto é casar, quando é que vão ter filho, ele tá te enrolando, barriga pontuda deve ser menina, é menina.

DUVIVIER, Gregorio. *Folha de São Paulo*, 16/09/2013.

**11** | A crônica de Gregorio Duvivier é construída em um único parágrafo com uma única frase. Essa frase começa e termina pela mesma expressão: **é menina**.

Em termos denotativos, a menina, referida no final do texto, pode ser compreendida como:

- A** filha da primeira
- B** ideal de pureza
- C** mulher na infância
- D** sinal de transformação

**12** | **vai ter que voltar antes de meia-noite, o seu irmão é diferente, menino é outra coisa**, (ref. 1)

O fragmento reproduz falas que apontam uma diferença entre meninos e meninas.

Essa diferença se verifica em relação ao seguinte aspecto:

- A** beleza
- B** esperteza
- C** inteligência
- D** comportamento

**13** | O uso da expressão **“é menina”**, tanto para começar quanto para finalizar o texto, adquire também um valor simbólico, pelo significado que assume no contexto.

No contexto, esse recurso provoca um entendimento de:

- A** alteração previsível de juízos morais
- B** reprodução indefinida de preconceitos sociais
- C** rejeição possível de comportamentos familiares
- D** esperança vaga de novas atitudes das mulheres

**14** | **isso vai crescer mimada**, (ref. 2)

**isso daí quando começa a andar é um inferno**, (ref. 3)

Os trechos acima são exemplos de pontos de vista negativos acerca da menina.

Esses pontos de vista são reforçados pelo uso do pronome **isso**, porque ele associa a criança a uma ideia de:

- A** negação
- B** coisificação
- C** deseducação
- D** individualização

## GABARITO

**01** | **C**

O autor reclama da necessidade de se ouvir com muita atenção a “voz daqueles que nunca são ouvidos”, o que sugere que há segmentos excluídos da população cujos direitos nunca são levados em consideração. Assim, é correta a alternativa [C].

**02** | **C**

Quando a tampa do porta-malas do carro da polícia se abre, acaba por revelar a violência a que são submetidos determinados setores da população mais carente, o que normalmente é escondido do público. Assim, é correta a alternativa [C].

**03** | **D**

Através dos artigos “um” e “o”, o autor refere-se a duas formas de analisar o Brasil, no que diz respeito a carências sociais e violência. O primeiro refere-se a uma parte específica do país em que a exclusão social e a violência são explícitas e constantes, e o segundo faz referência a todo o Brasil, que, de forma genérica, é afetado também por esse tipo de violência. Assim, é correta a alternativa [D].

**04 | C**

Os adjetivos “estarecedor”, “nefando”, “inominável” e “infame” caracterizam o que ocorreu com uma cidadã brasileira, baleada, carregada no porta malas de um carro policial e depois arrastada pelo asfalto do Rio. Logo em seguida, José Miguel Wisnik afirma que esses adjetivos “fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem”, ou seja, a linguagem usada mostra-se insuficiente para descrever o horror que tal acontecimento lhe provocou. Assim, é correta a alternativa [C].

**05 | A**

É correta a alternativa [A], pois a explicação do autor sobre a expressão usada por Amarildo – seria apenas “mais um caso” – enfatiza a ideia de que, caso a tampa do porta malas do carro não se tivesse aberto no meio do percurso, aquele acontecimento seria igual a tantos outros”, como aqueles que não são trazidos a público, nem devidamente investigados.

**06 | A**

As expressões “aquele que desapareceu” e “aquela que subitamente salta à vista”, assim como “verso” e “reverso”, constituem antíteses, figura de linguagem que ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de sentidos opostos. Assim, é correta a alternativa [A].

**07 | D**

As características positivas do medo enunciadas no primeiro parágrafo contrastam com o relato da autora sobre o que se passou com ela no momento em que confundiu um adolescente, guardador de carros, com um delinquente que poderia assaltá-la. Ou seja, o fato de ele ser um rapaz humilde que percorria as ruas desertas àquela hora da noite demonstra que o medo foi provocado por preconceito, como se afirma em [D].

**08 | A**

Perante o seu pedido de desculpas e o gesto positivo que o rapaz lhe endereçou, a própria autora sentiu uma lição de vida por ele lhe perdoar aquele ato motivado pelo preconceito. Assim, é correta a alternativa [A].

**09 | B**

A frase transcrita na alternativa [B] é exemplo de linguagem informal, pois, segundo as regras da gramática normativa, não se deve começar uma frase com

pronome oblíquo átono. Para adequar-se à norma culta da Língua Portuguesa, deveria ser substituída por “Lembrei-me dessa história...”.

**10 | A**

No primeiro episódio, o termo “pelado” é usado de forma literal, com o significado de *nu*. No segundo, a palavra “pelada” tem sentido metafórico, ou seja, é usada de forma figurada, ao revelar o que tinha escondido dentro de si: o preconceito.

**11 | A**

A palavra “menina”, referida no final do texto, pode ser compreendida como filha da primeira que agora já está mulher, grávida (“barriga pontuda deve ser menina”) e vai dar à luz outra mulher.

**12 | D**

É correta a alternativa [D], pois o fragmento do enunciado sugere as diferenças de comportamento a que meninos e meninas estão sujeitos na visão de uma sociedade preconceituosa, que confere liberdade aos homens e exige controle às mulheres.

**13 | B**

O uso da expressão “é menina”, que inicia e finaliza o texto, adquire valor simbólico, pelo entendimento que a mulher está sujeita aos preconceitos sociais que se repetem de geração em geração. Assim, é correta a alternativa [B].

**14 | B**

O pronome demonstrativo “isso” não está relacionado com o gênero da pessoa a que se refere o que revela reprovação e desprezo por transformar um ser humano em algo semelhante a coisas, reforçando o ponto de vista negativo acerca da menina. Assim, é correta a alternativa [B].